



Recebimento: 14/11/2017

Aceite: 11/11/2019

DESEMPREGO, RESILIÊNCIA E REINserÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

UNEMPLOYMENT, RESILIENCE AND REINSERTION IN THE LABOR MARKET

Adriana Leônidas de Oliveira¹
Monique Marques da Costa Godoy²
Fabiane Ferraz Silveira Fogaça³

Resumo

Tendo como ponto de partida os efeitos que o desemprego provoca na vida do trabalhador, colocando-o em vulnerabilidade física, emocional e social, e as dificuldades em se reinserir no mercado de trabalho, este artigo possui como objetivo identificar e analisar como os pilares de resiliência auxiliam o provedor familiar a se reinserir no mercado de trabalho, comparando os pilares de resiliência de trabalhadores desempregados e trabalhadores reinseridos no mercado. A amostra foi composta por trinta provedores que estiveram desempregados nos dois últimos anos e que residem nas sub-regiões de Taubaté e São José dos Campos da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte. Os participantes responderam a um questionário sociodemográfico e à Escala Pilares da Resiliência (EPR), cujo resultados foram analisados quantitativamente. Os resultados abordam os impactos do desemprego na vida pessoal e na resiliência do trabalhador, além de suas estratégias de reinserção ao mercado de trabalho. Conclui-se que os pilares de resiliência e a situação de desemprego influenciam-se mutuamente, sendo que o desemprego afeta negativamente a autoconfiança, enquanto que as características aceitação positiva para mudanças, reflexão e independência são essenciais para o enfrentamento do desemprego, por estarem relacionadas à flexibilidade e organização de recursos. Tal conhecimento mostra-se relevante para subsidiar programas voltados à reinserção do desempregado ao mercado de trabalho.

Palavras-chave: Desemprego. Retorno ao trabalho. Resiliência Psicológica.

¹ Doutora em Psicologia (PUCSP). Professora Universidade de Taubaté, Taubaté – SP, Brasil. E-mail: adrianeleonidas@uol.com.br

² Mestre em Gestão e Desenvolvimento Regional (UNITAU). Professora da Universidade de Taubaté, Taubaté – SP, Brasil. E-mail: monique.gd2@hotmail.com

³ Doutora em Psicologia (UFSCAR). Professora Universidade de Taubaté, Taubaté – SP, Brasil. E-mail: fabianefs@outlook.com

Abstract

Taking as its starting point the effects that unemployment has on workers' lives, placing them in physical, emotional and social vulnerability, and the difficulties in reinserting themselves in the labor market, this article aims to identify and analyze how Resilience pillars help the family provider to reenter the labor market by comparing the resilience pillars of unemployed workers and reinserted workers. The sample consisted of thirty providers who were unemployed in the last two years and who live in the Taubaté and São José dos Campos subregions of the Paraíba Valley and North Coast Metropolitan Region. Participants answered a sociodemographic questionnaire and the Pillars of Resilience Scale (PRS), whose results were analyzed quantitatively. The results address the impacts of unemployment on workers' personal lives and resilience, as well as their strategies for reintegration into the labor market. It is concluded that the pillars of resilience and the situation of unemployment influence each other, and unemployment negatively affects self-confidence, while the positive acceptance for changes, reflection and independence are essential for facing unemployment, as they are related to flexibility and resource organization. Such knowledge is relevant to subsidize programs aimed at the reintegration of the unemployed into the labor market.

Keywords: Unemployment. Return to Work. Psychological Resilience.

Introdução

No primeiro trimestre de 2019, a taxa de desemprego no Brasil atingiu 12,7%, representando mais de 1,2 milhão de brasileiros desempregados (IBGE, 2019), situação que coloca esses trabalhadores e suas famílias em um contexto de risco.

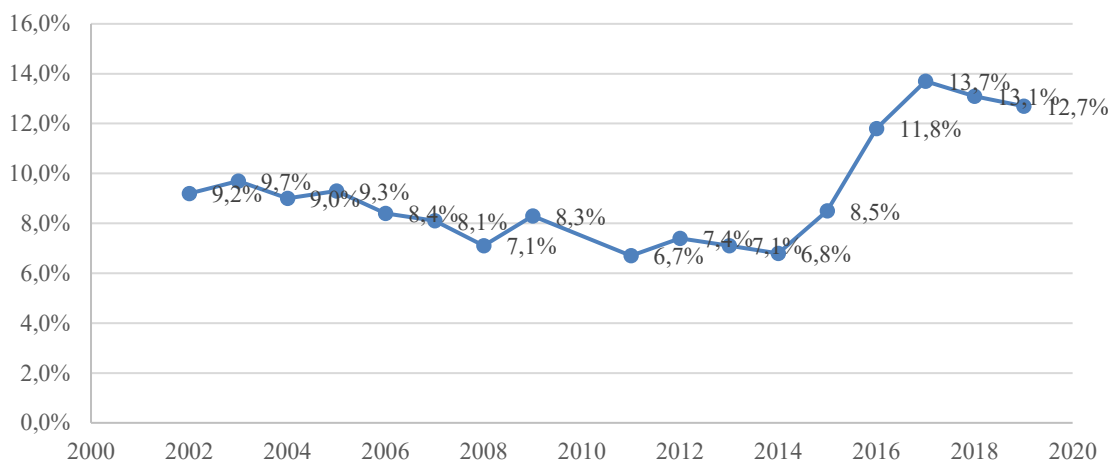
De acordo com Coelho-Lima, Costa e Bendassolli (2013), a saúde mental e características do desempregado são o ponto de partida de muitos estudos na Psicologia brasileira sobre o desemprego, investigando também elementos sociais ligados ao desemprego. Assim, muitos autores associam o desemprego com consequências intrapessoais como depressão, vergonha, discriminação social, baixa autoestima e incidência ao alcoolismo e doenças mentais (DOOLEY; FIELDING; LEVI, 1996; FREITAS, 1997; GABRIEL; GRAY; GOREGAOKAR, 2013; LARA; KINDSVATTER, 2010; SANTOS et al., 2010; SOUZA, 2003; WALSH, 2016). Além disso, o desemprego também impacta na qualidade das relações familiares e no desenvolvimento de seus membros (LARA; KINDSVATTER, 2010; PNUD, 2010; SOUZA, 2013; WALSH, 2016).

Na Psicologia, a resiliência é estudada como a capacidade humana de superar adversidades. Portanto, neste artigo considera-se que o desenvolvimento da resiliência seja uma forma do trabalhador desempregado realizar o manejo de sua saúde e o desenvolvimento de estratégias que possibilitem sua reinserção no mercado de trabalho (CARDOSO; MARTINS, 2013; DIMAS; PEREIRA; CANAVARRO, 2013; HENDRIKS et al., 2017; WALSH, 2016). Assim, o objetivo deste artigo é de identificar e analisar como os pilares de resiliência auxiliam o provedor familiar a se reinserir no mercado de trabalho, comparando os pilares de resiliência de trabalhadores desempregados e de trabalhadores reinseridos no mercado.

Fundamentação teórica

De acordo com Pochmann (2001), o trabalhador desempregado é uma mão de obra excedente da População Economicamente Ativa (PEA), uma vez que se encontra apto para exercer um trabalho, mas perdeu e/ou não consegue obter um posto de trabalho, mesmo que combinando sua busca por um posto com trabalhos irregulares ou precários.

No Gráfico 1 pode se observar o desenvolvimento da taxa de desemprego no Brasil desde 2002 até o primeiro trimestre de 2019.

Gráfico 1- Taxa de desemprego no Brasil de 2002 a 2019

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD e da PNAD Contínua – IBGE (2006; 2007; 2008; 2009; 2010; 2012; 2013; 2014; 2015; 2016, 2018, 2019).

No primeiro trimestre de 2017, a taxa de desemprego no Brasil atingiu o valor de 13,7%, o mais alto nos últimos dezessete anos, e um ano depois a taxa de desemprego diminuiu para 13,1% o que significa 13,7 milhões de brasileiros desempregados neste período. Já no primeiro trimestre de 2019, a taxa continuou a diminuir, atingindo o ponto de 12,7%, representando mais de 1,2 milhão de brasileiros desempregados (IBGE, 2018).

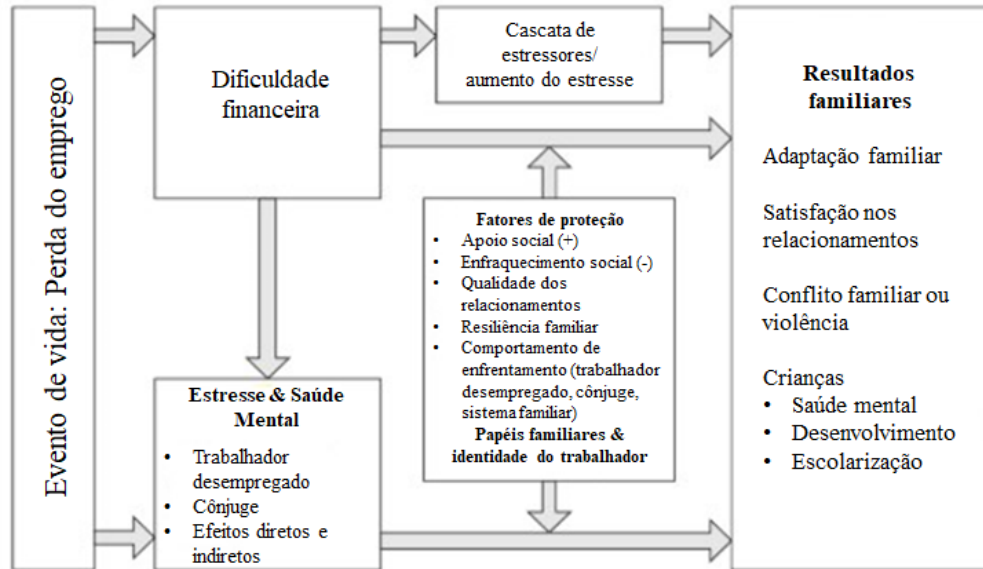
Quando aborda-se o tema desemprego, há duas dimensões a serem consideradas: a Dimensão Normativa-Institucional, que é mais objetiva e formal, ao ver o desemprego como fenômeno estrutural da economia; e a Dimensão Biográfica-Subjetiva, que entende o desemprego como fenômeno que gera instabilidade e invisibilidade social, tendo como consequência uma identidade estigmatizada do desempregado que, por sua vez, perde sua referência no mundo das significações existentes, e tem sua trajetória de vida e sua necessidade de (re)estruturar laços sociais rompidas (RIBEIRO, 2009).

Com o desemprego, o trabalhador e sua família ficam privados de benefícios como poder aquisitivo e acessos a bens tangíveis, como saúde e educação, e latentes como identidade, estruturação do tempo, atividade, contato social e vinculação de metas individuais e coletivas (JAHODA, 1982 apud AGUIAR; MATIAS; FONTAINE, 2017). Além disso, no momento em que demite um funcionário, a empresa utiliza da demissão como um ato de punição individualizado e causado pelo próprio trabalhador, que perdeu sua eficiência (HELOANI, 1991 apud FREITAS, 1997). De acordo com Freitas (1997), esse mecanismo coloca o trabalhador involuntariamente em uma posição que seu reconhecimento e status são reavaliados pela sua família, grupo de amigos e do trabalho e pela sociedade, gerando sentimentos de impotência e de fracassos na vida social, o que coloca o trabalhador em vulnerabilidade social e psicológica.

Price, Choi e Vinokur (2002 apud MAITOZA, 2019; MCKEE-RYAN; MAITOZA, 2018) observaram que o desemprego desencadeia uma “cascata” de fatores estressores para o trabalhador e sua família como, por exemplo, dificuldade financeira, mudança de casa e de estilo de vida e rompimento de relações. McKee- Ryan e Maitoza (2018) ainda explicam que o tempo de duração do desemprego aumenta a exposição desses estressores, o que possibilita que os efeitos do desemprego na vida familiar se tornem cada vez mais envolvidos com efeitos da pobreza.

Na Figura 1, McKee-Ryan e Maitoza (2018) explicam como a perda do emprego afeta sistematicamente a vida familiar através da dificuldade financeira, efeitos estressores e fatores protetivos.

Figura 1: Desemprego e Família.



Fonte: Traduzido de Mckee-Ryan e Maitoza (2018)

Com essa ilustração, as autoras demonstram que a perda do emprego e a dificuldade financeira consequente possuem efeitos na saúde do trabalhador e na sua família, trazendo estresse para os membros, dificuldade na adaptação, insatisfação e impactos no desenvolvimento das crianças.

Na literatura, a resiliência entendida como a capacidade do ser humano de lidar com adversidade e eventos traumáticos, aparece como uma estratégia de fortalecimento de indivíduos e famílias que passam pela situação de desemprego (DIMAS; PEREIRA; CANAVARRO, 2013; HENDRIKS et al. 2017; WALSH, 2016). Dimas, Pereira e Canavarro (2013) afirmam que a resiliência está associada a melhor adaptação pessoal e relacional assim como uma melhor percepção de qualidade de vida. Já para Hendriks et al. (2017), a situação social e econômica demanda que o processo de resiliência seja ativado através de forças como religiosidade, esperança, harmonia, aceitação e perseverança. Com relação ao desenvolvimento da família e desemprego, o conceito de resiliência também vem sendo estudado por Walsh (2016), através do fortalecimento da resiliência familiar com programas que buscam identificar crenças restritivas, fortalecer pontos fortes de sua qualificação profissional e relação familiar, desenvolvendo novas competências e ativando a rede social, o que possibilitaria enfrentar o período de desemprego.

Neste artigo buscou-se relacionar o desemprego com os pilares da resiliência descritos por Cardoso e Martins (2013), os quais são apresentados como onze características internas das pessoas que as tornam capazes de desenvolverem condutas resilientes frente às adversidades. Os pilares elencados pelas autoras são apresentados a seguir:

- Aceitação positiva de mudança: essa característica permite que a pessoa reconheça que existem oportunidades em situações difíceis e de mudanças.
- Autoconfiança: refere-se à confiança que a pessoa tem sobre suas capacidades de enfrentar desafios.
- Autoeficácia: esta característica refere-se às crenças e percepções que a pessoa possui sobre suas capacidades, principalmente, de que suas ações trarão os resultados que espera.
- Bom humor: frente a um problema ou adversidade, o bom humor é uma habilidade que permite um alívio para a pessoa, sem a negação da existência desse problema.
- Controle emocional: habilidade de manejar e expressar adequadamente suas emoções tanto positivas quanto negativas.
- Empatia: é a capacidade e habilidade de perceber e compreender o estado emocional do outro, assim como as necessidades e razões de seus comportamentos.
- Independência: Diferente de isolamento, esta característica refere-se à habilidade de participar de uma vida econômica e social e conseguir tomar decisões sobre seus recursos, sem precisar de ajuda de terceiros.

- Orientação positiva para o futuro: capacidade de pensar positivamente, acreditando que seus esforços trarão resultados positivos na vida pessoal, familiar e profissional.
- Reflexão: capacidade de refletir de forma crítica sobre si mesmo, sobre os outros e sobre as situações vividas.
- Sociabilidade: a habilidade de se relacionar e criar laços de intimidade para satisfazer sua necessidade de afeto.
- Valores positivos: ligada aos conceitos de moralidade, essa característica refere-se ao comprometimento com valores e desejo de estender bem-estar para toda humanidade.

Nas próximas seções, o método utilizado para realização da pesquisa de campo é explicitado, seguido pela apresentação dos resultados, discussões e conclusões alcançadas.

Metodologia

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté sob o parecer de número 2.600.283. Participaram desta pesquisa trinta trabalhadores que são membros provedores de suas famílias e que passaram pelo período de desemprego nos últimos dois anos. A amostra foi composta por acessibilidade, sendo os participantes residentes das sub-regiões das cidades de Taubaté e São José dos Campos da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte.

Os instrumentos utilizados nesta pesquisa foram um questionário sociodemográfico e a Escala de Pilares de Resiliência (EPR) de Cardoso e Martins (2013). O questionário sociodemográfico foi desenvolvido pelas autoras do artigo e é composto por questões quanto: gênero, estado civil e escolaridade dos participantes, número de filhos/dependentes de sua renda, emprego anterior e atual (se houver), período que permaneceu desempregado, se possui ou possuiu subsídio de desemprego e situação de emprego do cônjuge/companheiro.

Já a EPR foi construída para identificar quais das características que compõem a resiliência do indivíduo estão mais desenvolvidas e quais estão menos desenvolvidas, sendo então formada por noventa itens respondidos em escala intervalar de cinco pontos, divididos em 11 subescalas: Aceitação positiva de mudança, Autoconfiança, Autoeficácia, Bom humor, Controle emocional, Empatia, Independência, Orientação positiva para o futuro, Reflexão, Sociabilidade e Valores positivos. Quanto à consistência interna das subescalas, Cardoso e Martins (2013) calcularam pelo método de alfa de *Cronbach* separadamente, e a maioria dos coeficientes variou de 0,71 a 0,88, indicando que todos os fatores apresentam índices de confiabilidade aceitáveis.

As respostas do questionário sociodemográfico foram tabuladas no programa BioEstat. A Escala Pilares da Resiliência (EPR) foi analisada através da Plataforma Online de Correção de Testes da Vetor Editora, que gerou escores para 11 subescalas. Após a correção e soma dos escores, foram identificados os percentis de cada subescalas e analisados suas classificações conforme são apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1: Percentis e classificações da EPR.

Percentis	Classificações
1-20	Muito baixa
21-40	Baixa
41-60	Média
61-80	Alta
81-99	Muito alta

Fonte: Cardoso e Martins (2013)

Na análise quantitativa da pesquisa, buscou-se quantificar as respostas dos participantes por meio de porcentagem e foram realizados o teste-t e qui-quadrado para analisar a diferença estatística entre gênero, desemprego e resultados da EPR, assim como das variáveis gênero e efeitos do desemprego.

Resultados

Os trinta participantes da amostra estão divididos em 15 trabalhadores desempregados e 15 trabalhadores reinseridos no mercado de trabalho, sendo composta majoritariamente por homens (63%). Quanto à estrutura familiar, a amostra é composta predominantemente por pessoas casadas

ou em união estável (63%) e que convivem com o (a) companheiro (a) e com filhos (47%), sendo um o número de filhos predominante (37%). Esses dados correspondem com o cenário econômico em Taubaté em que há uma prevalência do gênero masculino entre os desempregados (NUPES-UNITAU, 2018). No entanto, no Brasil, a população desempregada é formada em sua maioria por mulheres, representadas pela taxa de 15% (IPEA, 2018).

No Quadro 2, apresenta-se a escolaridade, a profissão, o último emprego e o emprego atual dos participantes para analisar a sua recolocação no mercado de trabalho.

Quadro 2: Recolocação no mercado de trabalho.

ID	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	ULTIMO EMPREGO	EMPREGO ATUAL	SITUAÇÃO ATUAL
1	Ensino Técnico	Técnico em Mecânica	Empacotador	Operador de Produção	Reinserido
2	Ensino Superior completo	Inspetor de Qualidade	Estoquista	Nenhum	Desempregado
3	Pós-graduação	Engenheiro Mecânico	Engenheiro Mecânico	Nenhum	Desempregado
4	Pós-graduação	Engenheiro Civil	Gestor Operacional	Nenhum	Desempregado
5	Ensino Superior completo	Engenheiro Mecânico	Gerente de projetos	Gerente de projetos	Reinserido
6	Ensino Superior completo	Engenheiro Civil	Engenheiro Civil	Engenheiro Civil	Reinserido
7	Pós-graduação	Consultor de logística	Coordenador de logística	Nenhum	Desempregado
8	Ensino Técnico	Técnico em Mecânica	Técnico em Desenvolvimento	Técnico em Mecânica	Reinserido
9	Ensino Superior completo	Administradora	Auxiliar de programa integral	Auxiliar administrativo	Reinserido
10	Ensino Médio completo	Metalúrgico	Pedreiro	Controlador de Acesso	Reinserido
11	Ensino Superior incompleto	Inspetor de Qualidade	Inspetor de Qualidade	Nenhum	Desempregado
12	Ensino Superior incompleto	Do lar	Escriturário	Nenhum	Desempregado
13	Ensino Superior incompleto	Auxiliar Administrativo	Rede Hoteleira	Nenhum	Desempregado
14	Ensino Superior completo	Engenheiro Mecânico	Engenheiro Mecânico	Nenhum	Desempregado
15	Ensino Superior incompleto	Desempregada	Promotora de Vendas	Nenhum	Desempregado
16	Ensino Superior completo	Técnico Mecânico	Mecânico especializado	Autônomo	Reinserido
17	Pós-graduação	Engenheiro	Engenheiro	Consultor	Reinserido
18	Ensino Fundamental completo	Artesã	Serviços Gerais	Artesã (como bicos)	Desempregado
19	Ensino Superior incompleto	Do lar	Auxiliar de desenvolvimen-to infantil	Nenhum	Desempregado
20	Ensino Fundamental completo	Controlador de Acesso	Guarda	Nenhum	Desempregado
21	Ensino Superior incompleto	Auxiliar de Enfermagem/Estudante de Psicologia	Operador de telemarketing	Estagiário na Defensoria Pública	Reinserido
22	Ensino Superior completo	Administradora/ Estudante de Pedagogia	Coordenadora de Loja	Estagiária em Pedagogia	Reinserido
23	Pós-graduação	Administrador e Montagem de Computadores/Arte-terapeuta	Montador de computadores	Arteterapeuta	Reinserido
24	Ensino Superior completo	Contador	Auxiliar de Estoque	Nenhum	Desempregado
25	Ensino Superior incompleto	Programador de produção	Programador de produção	Operador de Máquina	Reinserido
26	Ensino Superior completo	Advogada	Advogada em empresa de Nutrição	Advogada em empresa de uniformes	Reinserido
27	Ensino Médio completo	Armador	Armador	Armador	Reinserido
28	Ensino Superior incompleto	Do lar	Comerciante	Nenhum	Desempregado
29	Ensino Médio incompleto	Auxiliar de Produção	Atendente	Auxiliar de Produção	Reinserido
30	Ensino Superior completo	Arquiteta	Gerente de Loja	Nenhum	Desempregado

Fonte: Dados obtidos na amostra.

Percebe-se pelo Quadro 2 que os participantes 5, 6, 8, 26, 27 e 28 tiveram participação e se mantêm no mercado de trabalho com ocupações compatíveis à sua formação. Os participantes 16 e 17 utilizaram de seus conhecimentos em mecânica e engenharia para se tornarem autônomo e consultor. Esses dois participantes realizaram uma mudança dentro de suas carreiras ao realizarem atividades diferentes da que costumavam fazer, mesmo que ainda dentro de sua área, assim como os participantes 1 e 9, que estão empregados atualmente e seus cargos atuais aproximam-se relativamente de suas profissões.

Os participantes 1, 2, 9, 10, 29 e 30 tiveram participação no mercado de trabalho com cargos diferentes de sua profissão, sendo que aceitaram esses cargos para terem alguma ocupação e renda por um determinado período. Os participantes 2, 3, 4, 7, 11, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 24, 28 e 30 se encontravam desempregados até o momento da aplicação dos instrumentos.

Os participantes 21, 22 e 23 aproveitaram da situação de desemprego para mudarem de carreira, sendo que os participantes 21 e 23 já eram estudante de psicologia e arteterapeuta, respectivamente, quando foram demitidos. O participante 23 afirma que apesar de ruim, o desemprego permitiu que ele tivesse mais oportunidades para se dedicar à arteterapia e para

desenvolver projetos no espaço terapêutico que possui, demonstrando capacidade de organizar recursos financeiros, sociais, físicos e cognitivo-emocionais.

Sobre o perfil da população desempregada, a literatura aponta que quanto menor for sua qualificação profissional, maior é a probabilidade de se manter desempregado por mais tempo (POCHMANN, 2001; IBGE, 2018; IPEA, 2018; NUPES-UNITAU, 2018), por isso, buscou-se analisar o nível de escolaridade e o tempo de desemprego conjuntamente, como demonstrado na Tabela 2.

Tabela 2: Distribuição dos participantes por escolaridade e tempo de desemprego.

ESCOLARIDADE	TEMPO DE DESEMPREGO									
	Menos de 6 meses		Entre 6 meses e 1 ano		Entre 1 ano e 2 anos		Mais de 2 anos		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Ensino Fundamental incompleto	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Ensino Fundamental completo	0	0%	1	3%	0	0%	1	3%	2	7%
Ensino Médio incompleto	1	3%	0	0%	0	0%	0	0%	1	3%
Ensino Médio completo	1	3%	1	3%	0	0%	0	0%	2	7%
Ensino Técnico	0	0%	0	0%	2	7%	0	0%	2	7%
Ensino Superior incompleto	2	7%	2	7%	2	7%	2	7%	8	27%
Ensino Superior completo	3	10%	1	3%	3	10%	3	10%	10	33%
Pós-graduação	0	0%	0	0%	3	10%	2	7%	5	17%
Total	7	23%	5	17%	10	33%	8	27%	30	100%

Fonte: Dados obtidos na amostra

Na amostra desta pesquisa, os participantes que estão há mais tempo desempregados foram aqueles que possuíam níveis escolares mais elevados, como Ensino Superior completo ou incompleto e Pós-graduação (total de 51%). Esta amostra apresenta uma divergência com os dados da cidade de Taubaté e do Brasil, uma vez que de acordo com o NUPES-UNITAU (2018), pessoas com menor escolaridade possuem maior dificuldade para retornar ao mercado de trabalho e que, de acordo com IPEA (2018), os desempregados que possuem Ensino Médio incompleto são os mais representativos entre os desempregados. No entanto, no relatório do NUPES-UNITAU (2018) afirma-se que os trabalhadores com maior escolaridade estão ocupando, provavelmente, cargos em condições mais precárias em decorrência da crise econômica.

Além disso, procurou-se analisar os efeitos do desemprego na vida pessoal do trabalhador e suas estratégias de reinserção no mercado de trabalho. A Tabela 3 apresenta quais os efeitos do desemprego na vida diária dos participantes.

Tabela 3: Efeitos do desemprego na vida pessoal.

EFEITOS DO DESEMPREGO NA VIDA PESSOAL		
	N	%
Angústia	16	7%
Depressão	7	3%
Perda da esperança	7	3%
Ansiedade	20	9%
Estresse	16	7%
Insegurança	15	6%
Queda da autoestima	14	6%
Queda no nível de felicidade	12	5%
Mudança de carreira	11	5%
Novas oportunidades de trabalho	11	5%
Oportunidade de ficar mais tempo com a família	14	6%
Deterioração da saúde física	3	1%
Queda da renda	25	11%
Privação econômica	15	6%
Dificuldade de recolocação no mercado de trabalho	23	10%
Queda da satisfação com a carreira	7	3%
Prejuízos na vida familiar	4	2%
Desorganização da vida diária	3	1%
Dificuldade de arrumar rotina	8	3%
Outro	2	1%
Total	233	100%

Fonte: Dados obtidos na amostra.

Os participantes afirmam que tiveram como principais efeitos do desemprego a queda da renda familiar (11%), a dificuldade de recolocação profissional (10%) e a ansiedade (9%), seguidos de angústia e estresse (7% cada).

Enquanto a queda da renda familiar apresenta-se como um efeito natural do desemprego, a dificuldade de recolocação profissional pode ser explicada pelo aumento do desemprego ao longo dos anos e crescimento moderado do mercado de trabalho (IBGE, 2018; IPEA, 2018), assim como a baixa qualificação profissional dos trabalhadores desempregados (POCHMANN, 2015).

Já a ansiedade, angústia, estresse depressão, perda da esperança, estresse, insegurança, queda no nível de felicidade, queda da autoestima, queda da satisfação com a carreira, vida e conjugalidade são efeitos do desemprego que corroboram achados da literatura (AGUIAR, 2017; DOOLEY; FIELDING; LEVI, 1996; FREITAS, 1997; SOUZA, 2003, ARGOLLO; ARAÚJO, 2004; SANTOS et al., 2010, LARA; KINDSVATTER, 2010; GABRIEL; GRAY; GOREGAOKAR, 2013). Também era esperado que houvesse deterioração da saúde física, porém nenhum dos participantes afirma ter tido problemas na saúde física no questionário.

Através da análise do teste qui-quadrado foi possível verificar a relação entre gênero e efeitos do desemprego. Adotando o valor p como significativo para se comprovar hipóteses esperadas (DANCEY; REIDY, 2013), pode-se confirmar que as mulheres da amostra indicavam com mais frequência que frente ao desemprego perceberam os efeitos de depressão ($p= 0,00$ e $x^2=9,46$), perda da esperança ($p= 0,03$ e $x^2= 4,75$), deterioração da saúde física ($p= 0,02$ e $x^2= 5,76$) e queda da satisfação de carreira ($p= 0,03$ e $x^2= 4,75$), enquanto que os participantes homens indicaram que perceberem mais o desemprego como novas oportunidades de emprego do que as participantes mulheres.

Esse dado é diferente do encontrado na literatura, que se preocupa mais com as consequências do desemprego na saúde masculina em decorrência da vergonha e discriminação social (FERNÁNDEZ-NIÑO et al., 2018; JIMÉNES-GUZMÁN, 2013; SOUZA, 2003;). Possivelmente,

o fato das mulheres participantes desse estudo serem mais propensas aos efeitos negativos na saúde do que os homens da amostra deva-se pela sua participação no orçamento familiar e suas posições como chefes de família, o que indica que as variáveis gênero, desemprego e papéis familiares devem ser analisados conjuntamente em estudos futuros sobre os impactos do desemprego na saúde.

Na Tabela 4, pode-se observar que a distribuição de currículos foi a estratégia de reinserção mais adotada por todos os participantes (20%). As opções “aceitar emprego com salários mais baixos”, “aceitar emprego de outra área” e “aceitar emprego em outra cidade, estado ou país” tiveram os percentuais de 15%, 16% e 9%, respectivamente, o que indica flexibilidade por parte dos participantes. Outras estratégias de destaque são o uso de contatos do *networking* (11%) e o investimento na qualificação profissional (9%).

Tabela 4: Estratégias de reinserção ao mercado de trabalho.

ESTRATÉGIAS DE REINSERÇÃO AO MERCADO DE TRABALHO		
	N	%
Distribuição de currículos	25	20%
Usar os contatos do <i>networking</i>	14	11%
Fazer palestras (gratuitas ou não)	3	2%
Aulas particulares (reforço) sobre conteúdos da sua área	1	1%
Investir em qualificação profissional	12	9%
Aceitar emprego com salários mais baixos	19	15%
Aceitar emprego de outra área	21	16%
Aceitar emprego em outra cidade, estado ou país	12	9%
Abrir seu próprio negócio	7	5%
Investir em concursos públicos	10	8%
Outros	4	3%
Total	128	100%

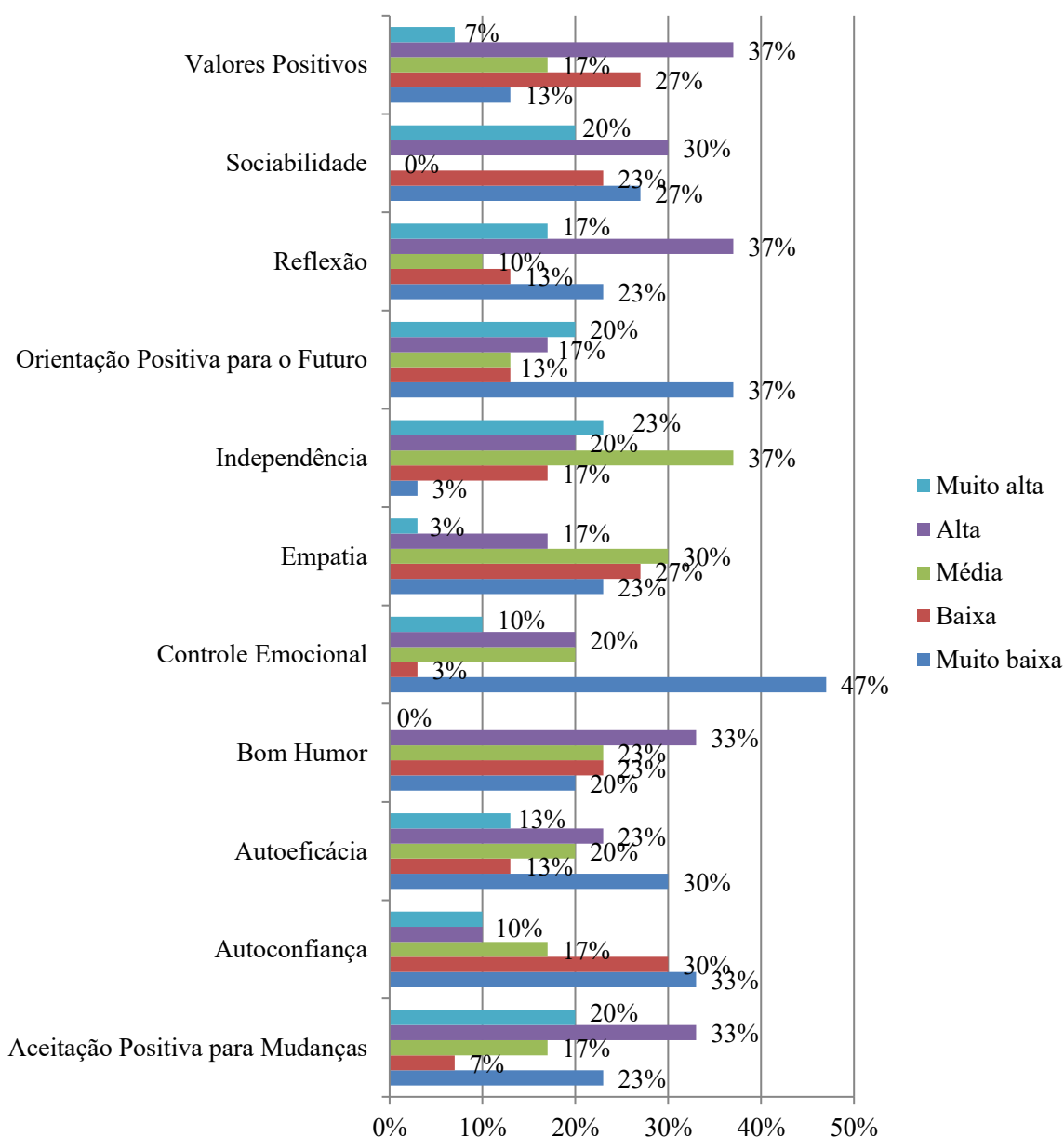
Fonte: Dados obtidos na amostra.

O foco na distribuição de currículos pode ser considerado um reflexo do enfoque dado por programas voltados à reinserção ao mercado de trabalho em capacitar os trabalhadores quanto à elaboração de currículos e preparação de entrevistas (GABRIEL; GRAY; GOREGAOKAR, 2013; GONDIM et al. 2001; WALSH, 2016).

As opções “aceitar emprego com salários mais baixos”, “aceitar emprego de outra área” e “aceitar emprego em outra cidade, estado ou país” são opções que indicam flexibilidade por parte dos participantes. A flexibilidade, além de ser um pilar de resiliência (CARDOSO; MARTINS, 2013), também é necessária para o retorno mais rápido ao mercado de trabalho, como expõem Gabriel, Gray e Goregaokar (2013).

Investir em qualificação profissional torna-se uma estratégia importante diante dos dados sobre o mercado de trabalho brasileiro, em que as taxas mais baixas de desemprego se encontram na população mais qualificada profissionalmente, mesmo que isso não seja uma garantia de estar sempre empregado (IBGE, 2018; IPEA, 2018). Já o uso dos contatos do *networking* foi uma estratégia também utilizada pelos participantes, mas que deveria ser mais explorada, uma vez que o apoio do *networking* é uma das principais ferramentas para retorno ao mercado de trabalho (GABRIEL; GRAY; GOREGAOKAR, 2013) e, conforme apontado pelos participantes, foi a estratégia mais eficaz para o retorno ao mercado de trabalho.

Quanto aos resultados da Escala Pilares da Resiliência (EPR), estes foram divididos em 11 escalas e classificados em cinco percentis conforme a Gráfico 1:

Gráfico 1: Resultados da Escala Pilares da Resiliência.

Fonte: Dados obtidos na amostra.

Como pode ser observado no Gráfico 1, os fatores que receberam com mais frequência as classificações Alta e Muito alta foram aceitação positiva para mudanças (33% e 20%), bom humor (33% e 0%), independência (20% e 23%), reflexão (37% e 17%) e valores positivos (37% e 7%). Com relação ao fator sociabilidade, a amostra divide-se em 50% com escores alto e muito alto e 50% com escores baixo e muito baixo. Já os pilares com menores escores e que receberam mais vezes as classificações Baixo e Muito baixo foram autoconfiança (30% e 33%), autoeficácia (13% e 30%), controle emocional (3% e 47%), empatia (27% e 23%) e orientação positiva para o futuro (13% e 37%).

Esse resultado indica que os participantes da amostra são, em geral, capazes de adaptar-se positivamente frente às adversidades, utilizando de bom humor e leveza para lidar com problemas, além de possuírem habilidade para organizar recursos sociais e econômicos, capacidade para solução de problemas e senso moral adequado (CARDOSO; MARTINS, 2013). Dentro do contexto de desemprego, consideram-se os fatores aceitação positiva para mudanças, reflexão e independência os mais relevantes por estarem relacionados à flexibilidade e organização de recursos.

O pilar de sociabilidade, que se dividiu na amostra em 50% com escores altos e 50% com escores baixos, refere-se à interação que a pessoa realiza com os outros e a busca de ajuda em momentos de crise. Assim, altos escores neste fator indicam o gosto das pessoas por interagir com

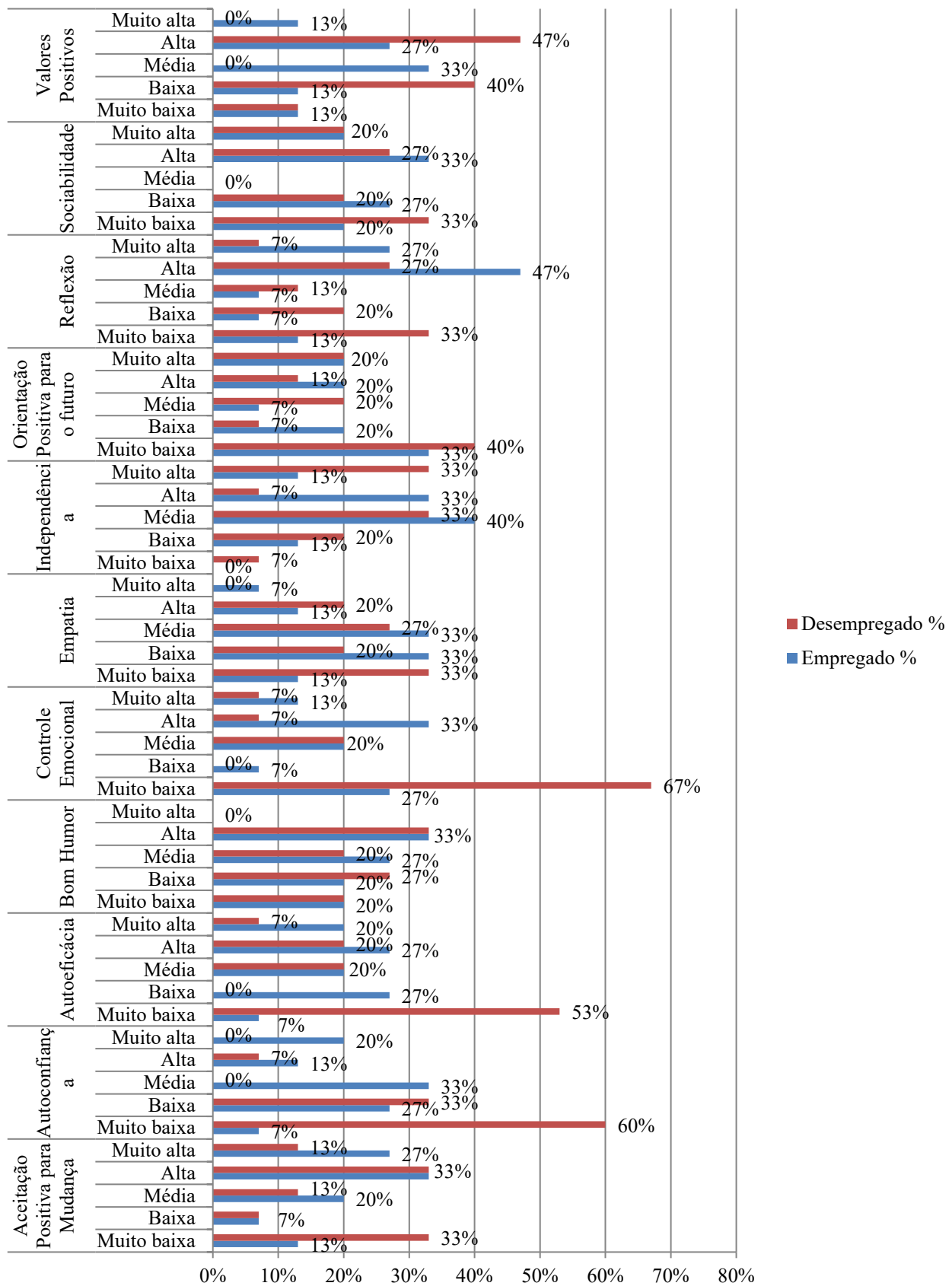
os outros e a preferência de pedir ajuda para as pessoas quando precisam resolver algum problema. Enquanto que escores baixos de sociabilidade indicam que a pessoa evita se relacionar com outras pessoas, principalmente, para pedir ajuda, o que não auxilia na organização de recursos sociais durante o desemprego (CARDOSO; MARTINS, 2013).

Os participantes que apresentaram baixos escores em autoconfiança, autoeficácia, controle emocional, empatia e orientação positiva para o futuro, em geral, são pessoas que se apresentam como inseguras, sem iniciativa, descrentes de suas capacidades para solução de problemas, incapazes de lidar com suas emoções e dos outros, tornando-se mais propensa ao estresse, e pessimista com relação ao futuro (CARDOSO; MARTINS, 2013).

Foi investigado o nível de diferença estatística entre as variáveis gênero e desemprego com as variáveis da EPR através do teste-t que, de acordo com Dancey e Reidy (2013), quando o valor de p é menor que 0,05 a diferença é significativa. No caso desta amostra, confirmou-se que as variáveis gênero e desemprego afetam os pilares de autoconfiança (0,03 e 0,00), autoeficácia (0,01 e 0,05), controle emocional (0,04 e 0,05) e reflexão (0,05 e 0,04). Assim, pode-se afirmar que os participantes masculinos e os participantes que se encontravam empregados durante a aplicação dos instrumentos apresentavam maior segurança, crença em suas capacidades, capacidade de controlar suas emoções e de reflexão do que as participantes do gênero feminino ou que se encontravam desempregados.

No Gráfico 2, apresentam-se os resultados da EPR quanto à comparação dos escores dos participantes que se encontravam desempregados no momento da aplicação dos instrumentos e dos participantes que se encontravam reinseridos no mercado de trabalho, através de sua distribuição em porcentagem pelos escores.

Gráfico 2: Resultados da EPR em participantes desempregados.



Fonte: Dados obtidos na amostra.

Observa-se que, entre os participantes desempregados, os fatores que mais receberam classificação com alta e muito alta foram independência (7% e 33%) e aceitação positiva para mudança (33% e 13%).

Com relação aos escores baixo e muito baixo dentre os participantes desempregados encontram-se os fatores de autoconfiança (33% e 60%), autoeficácia (0% e 53%), bom humor (27% e 20%), controle emocional (0 e 67%), empatia (20% e 33%), orientação positiva para o futuro (7% e 42%), reflexão (20% e 33%), sociabilidade (20% e 33%) e valores positivos (40% e 13%). Nos participantes empregados, prevalece com escores baixos e muito baixos os fatores de autoconfiança (27% e 7%), bom humor (20% e 20%), empatia (33% e 13%), orientação positiva para o futuro (20% e 33%).

Esses dados indicam que, em geral, os participantes desempregados apresentam insegurança quanto às suas capacidades e qualidades, preocupação demasiada e ficam remoendo situações desagradáveis, dificuldade em lidar com suas emoções e dos outros, pessimismo quanto ao futuro, impulsividade, com dificuldade para analisar conscientemente seus problemas e sentimentos, evitam buscar ajuda dos outros e têm dificuldade para utilizar recursos sociais e valorizam pouco os bons princípios (CARDOSO; MARTINS, 2013).

Com a finalidade de comparar a resiliência entre trabalhadores desempregados e reinseridos, retorna-se ao resultado do teste-t sobre a influência da variável desemprego nos pilares de autoconfiança e autoeficácia, cujo valor de p foi de 0,00 e 0,05 respectivamente. Esse resultado confirma-se com os achados da literatura em que o desemprego impacta diretamente na segurança e percepção de capacidades do trabalhador ao se questionar suas competências sociais, profissionais e pessoais, colocando-o em situação de vulnerabilidade (DOOLEY; FIELDING; LEVI, 1996; FREITAS, 1997; GABRIEL; GRAY; GOREGAOKAR, 2013; LARA; KINDSVATTER, 2010; SANTOS et al., 2010; SOUZA, 2003).

Conclusões

Entende-se que os pilares da EPR e a situação de desemprego influenciam-se mutuamente. Por exemplo, o desemprego parece propiciar os baixos escores nos pilares de autoconfiança e autoeficácia ao questionar as competências sociais e pessoais do trabalhador, além de aumentar as preocupações, a desesperança, o estresse, ansiedade, angústia e sentimento de fracasso, que são aspectos que compõem os demais fatores com escores baixos. Ao mesmo tempo, a insegurança pessoal e profissional aumenta a dificuldade de recolocação no mercado de trabalho e manejo do estresse durante o desemprego, assim como a dificuldade de pedir ajuda (e, conseqüentemente, utilizar do *networking*), de organizar recursos, de lidar com o estresse e a desesperança.

Embora esta pesquisa apresente como principal limitação o fato de ter sido aplicada em um pequeno grupo e em apenas uma região do país, a mesma apresenta-se como relevante ao apontar relações entre resiliência, efeitos do desemprego e estratégias de reinserção para o mercado de trabalho que podem subsidiar futuras ações e estratégias. Para estudos futuros, sugere-se investigar sobre o processo de desemprego para mulheres chefes de família e analisar as variáveis gênero, participação no orçamento familiar e desemprego.

Referências

AGUIAR, Joyce; MATIAS, Marisa; FONTAINE, Anne Marie. Desemprego, Satisfação com a Vida e Satisfação Conjugal em Portugueses e Brasileiros. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, [s.l.], v. 17, n. 4, p.210-2, 2017.

ARGOLO, João Carlos Tenório; ARAÓJO, Maria Arlete Duarte. O impacto do desemprego sobre o bem-estar psicológico dos trabalhadores da cidade de Natal. **Revista de Administração Contemporânea**, [s.l.], v. 8, n. 4, p.161-182, dez. 2004.

CARDOSO, Tabata; MARTINS, Maria do Carmo Fernandes. **Escala dos Pilares da Resiliência (EPR)**. São Paulo: Vetor, 2013.

COELHO-LIMA, Fellipe; COSTA, Ana Ludmila Freire; BENDASSOLLI, Pedro. A produção científica da Psicologia brasileira acerca do desemprego. *Universitas Psychologica*, [s.l.], v. 12, n. 4, p.1283-1299, 20 jan. 2014.

DIMAS, Inês Margarida; PEREIRA, Marco Daniel; CANAVARRO, Maria Cristina. Ajustamento psicossocial, ajustamento diádico e resiliência no contexto de desemprego. *Aná. Psicológica*, Lisboa, v. 31, n. 1, p. 3-16, jan. 2013.

DANCEY, Christine P.; REIDY, John. **Estatística sem Matemática para Psicologia: Usando SPSS para Windows**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DOOLEY, D; FIELDING, J; LEVI, L. Health and Unemployment. *Annual Review Of Public Health*, [s.l.], v. 17, n. 1, p.449-465, jan. 1996.

FERNÁNDEZ-NIÑO, Julián Alfredo; BONILLA-TINOCO, Laura. Juliana; ASTUDILLO-GARCÍA, Claudia Iveth; MANRIQUE-HERNÁNDEZ, Edgar Fabián; GIRALDO-GARTNE, Vanessa. Association between the employment status and the presence of depressive symptoms in men and women in Mexico. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 34, n.9, p. 1-14, 2018.

FREITAS, Lenita Azevedo. **E uma Carreira Profissional Sólida Desmancha no Ar...** - Um Estudo Psicossocial da Identidade. Taubaté: Cabral, 1997.

GABRIEL, Yiannis; GRAY, David e; GOREGAOKAR, Harshita. Job loss and its aftermath among managers and professionals: wounded, fragmented and flexible. *Work, Employment and Society*, [s.l.], v. 27, n. 1, p.56-72, fev. 2013.

GONDIM, Sônia Maria Guedes, ALMEIDA, Anderson. Bevilaqua de, PENA, Anderson Córdova.; FILGUEIRAS, Júlio. Aconselhamento profissional a desempregados: relato de uma experiência de formação acadêmica para o psicólogo organizacional e do trabalho. *Revista de Psicologia: Organizações & Trabalho*, [s.l.] v.1, n.2, p. 45-72, 2001.

HENDRIKS, Tom et al. Strengths and virtues and the development of resilience: A qualitative study in Suriname during a time of economic crisis. *International Journal Of Social Psychiatry*, [s.l.], v. 64, n. 2, p.180-188, 25 dez. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTADÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2005/IBGE**, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro, 2006.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2006/IBGE**, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro, 2007.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2007/IBGE**, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro, 2008.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2008/IBGE**, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro, 2009.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2009/IBGE**, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro, 2010.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2011**. Rio de Janeiro, 2012.

_____. **Indicadores IBGE: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - 3º trimestre de 2016**. Rio de Janeiro, 2016.

_____. Quadro Sintético: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - 1º trimestre de 2018. Rio de Janeiro, 2018. IPEA. Carta de Conjuntura Número 39 – 2º trimestre de 2018. 2018.

_____. **Quadro Sintético:** Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - 1º trimestre de 2018. Rio de Janeiro. 2018.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Carta de Conjuntura Número 39 – 2º trimestre de 2018.** 2018

JIMÉNEZ-GUZMÁN, María Lucero. Effects of Labor precarization and unemployment on men and on gender equity. **Acta Colombiana De Psicología**, v.16, n.2, p. 93-10, 2013.

LARA, Tracy; KINDSVATTER, Aaron. A Structural Approach to Assisting Families Recovering From Job Loss. **The Family Journal**, [s.l.], v. 18, n. 4, p.344-348, 14 jul. 2010.

MAITOZA, Robyn. Family challenges created by unemployment. **Journal Of Family Social Work**, [s.l.], v. 22, n. 2, p.187-205, jan. 2019.

MCKEE-RYAN, Frances M.; MAITOZA, Robyn. Job Loss, Unemployment, and Families. In: KLEHE, U. C.; VAN HOOFT, E. A. J. **The Oxford Handbook of Job Loss and Job Search**. Nova York: Oxford University Press, 2018.

NUPES - UNITAU. **Emprego e Desemprego no Município de Taubaté - Abril 2018.** 2018.

OLIVEIRA, Adriana Leônidas; GODOY, Monique Marques da Costa. O processo de resiliência do jovem aprendiz e as estratégias de conciliação estudo-trabalho. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 65, n. 143, pp. 175-191, 2015.

POCHMANN, Marcio. **O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu.** São Paulo: Boitempo. 2001.

POCHMANN, Marcio. Ajuste econômico e desemprego recente no Brasil metropolitano. **Estudos Avançados**, [s.l.], v. 29, n. 85, p.7-19, dez. 2015.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Relatório de Desenvolvimento Humano 2010.** Nova York: Colorcraft of Virginia, 2010.

SANTOS, Eduardo J. Ribeiro et al. Desemprego: experiências de transição. **Psychologica**, [s.l.], v. 2, n. 52, p.35-44, jun. 2010.

RIBEIRO, M. A. Estratégias Micropolíticas para Lidar om o Desemprego: Contribuições da Psicologia Social do Trabalho. **Psicologia Política**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 331-346, dez. 2009.

SOUZA, Marilza Terezinha Soares de. **A Resiliência na Terapia Familiar: Construindo, compartilhando e ressignificando experiências.** 2003. 278 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia Clínica, Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia, Pontifícia Universitária Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

WALSH, Froma. Resiliência Familiar. In: _____. (Org.). **Processos Normativos da Família – Diversidade e Complexidade.** 4.ed. Porto Alegre: Artmed. 2016, p. 399-427.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.